

José Simões Dias

«(...) CREIO que serão as Peninsulares os meus últimos versos. Deixando de poetar fico com um vício de menos, e quem sabe? com uma saudade de mais».

A declaração é de Simões Dias e vem no prefácio de 1876 à «coleção das obras poéticas», representada por *As Peninsulares*, em 2 tomos, de 508 páginas.

Poemas escritos entre os 18 e os 28 anos, constituem, de facto, o principal da obra poética, tanto mais que a «nova edição» de 1876 juntou os primeiros livros de versos do autor benfeitense: *O Mundo Interior*, *Poemas Líricos* e *A Hostia de Oiro* (no 1.º tomo), além de *Canções Meridionais* e *Ruínas* (2.º tomo).

Simões Dias terá sido o único poeta da Beira-Serra cuja obra teve repercussão nacional (se não incluirmos o hoje quase-erudito Brás Garcia Mascarenhas, do *Viriato Trágico*, obra que continua à espera de um crítico à altura. Além disso, foi popular. E em colectâneas que abordem o Romantismo em Portugal, o poeta de *As Peninsulares* não pode ser omitido.

Na ficção, Simões Dias publicou os romances: *As Mães* (1877) e *O Pecado* (1878), assim como as histórias curtas de Contos em prosa (1887), *Figuras de cera* (1898) e *Figuras de gesso* (1906). Foi igualmente autor de livros didácticos (4) e de outros sobre Literatura, assinalando-se que foi considerado pelos críticos do seu tempo um dos mais notáveis ensaístas da Literatura Portuguesa - outro tema mal estudado, até hoje, na vasta bibliografia de Simões Dias, que nasceu na Benfeita, em 5-2-1844, e morreu em Lisboa, no dia 3-3-1889.

A obra de José Simões Dias ainda não foi devidamente estudada, no seu conjunto, e os elogios que por vezes lhe são feitos, na Imprensa Regional, se têm o mérito de o lembrar, em nada contribuem para o estudo literário que se impõe. Restou ao poeta benfeitense a popularização de alguns dos seus versos, conforme ele próprio reconheceu, na introdução de *As Peninsulares* de 1876: «o povo das nossas Beiras os assimilava vulgarizando-os em suas toadas, nos serões, nas romarias e nas sextas, levando-os de porta em porta na voz dos cegos e dos mendigos».